

HISTÓRIA LOCAL: UMA PROPOSTA PARA A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

Projeto de Monografia apresentado ao Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, referente ao Curso de Especialização: Metodologia de Ensino das Séries Iniciais.

Orientadora: Prof.^a Cleusa Furker

CURITIBA

2002

CHEILA CRISTINA ZALUCA

**HISTÓRIA LOCAL:
UMA PROPOSTA PARA A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA**

CURITIBA

2002

Meus agradecimentos vão à todos os professores deste curso de especialização, em especial à professora Cleusa Furker, orientadora deste trabalho que sempre me atendeu de forma tão atenciosa. Vão também às colegas professoras que comigo idealizaram e desenvolveram o projeto descrito neste trabalho, principalmente às professoras Maria de Cássia L. Ribeiro, Rosana Bassanesi, Lucia K. Kazama e Sandra N. Araújo e ao meu noivo que várias vezes abriu mão de momentos comigo em *prol* do desenvolvimento deste trabalho.

SUMÁRIO

1. JUSTIFICATIVA.....	01
2. REFERÊNCIAL TEÓRICO.....	03
2.1 HISTÓRIA: VIVENDO E PARTICIPANDO.....	03
2.2 MEMÓRIA.....	04
2.3 HISTÓRIA ORAL.....	06
3. PROPOSTA.....	09
4. IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA.....	10
5. A CRIAÇÃO DE UM MINI-MUSEU NA ESCOLA: UMA SUGESTÃO.....	15
6. UM POUCO DA HISTÓRIA DO BAIRRO TATUQUARA.....	19
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	32
ANEXOS.....	33

1. JUSTIFICATIVA

A idéia de realizar uma pesquisa monográfica sobre o tema "Comunidade Escolar: Resgate Histórico e Valorização Cultural" surge da vontade de dar continuidade ao projeto de mesmo título apresentado por mim e por outras três professoras, no ano de 2001, ao Projeto "Fazendo Escola" da Rede Municipal de Curitiba, projeto este aprovado e desenvolvido com sucesso no 2º semestre do mesmo ano que, por isso mesmo, acabou sendo re-apresentado e novamente aprovado, agora com outras três professoras que não pertenciam ao grupo no ano de 2001.

O que nos instigou a apresentar o projeto acima citado em 2001 e que me instiga agora a desenvolver uma monografia com o mesmo tema foi a constatação de que na Escola Municipal Margarida Orso Dallagassa, assim como em inúmeras outras que atendem crianças que moram em áreas de ocupação, há um grande número de transferências de alunos de uma escola para outra, conseqüência, sem dúvida alguma, da alta rotatividade de suas famílias que, devido à falta de perspectivas encontradas na vida no campo, os baixos salários, a falta de emprego decorrente da substituição do trabalho humano pelo trabalho mecânico - a tecnologia - e também, movidas pela mídia que insiste em mostrar apenas os atrativos existentes nas grandes cidades, iludidos, migram da zona rural para a urbana cheios de sonhos e de perspectivas de dar às suas famílias uma vida melhor.

Quando chegam às grandes cidades se instalam em algum bairro de periferia onde deparam-se com os problemas urbanos como falta de saneamento básico, violência urbana e, sobretudo, com a falta de emprego que hoje assola todo o país. Lá permanecem até encontrarem melhores perspectivas em outro lugar e, assim, vão vivendo, como nômades, de um lugar para outro, sem criar raízes em lugar algum. Dão-se conta então, de que sua situação não mudou muito, e que todos os atrativos que os fizeram migrar não lhes são acessíveis, seus sonhos portanto "caem por terra" e começa então a busca pela sobrevivência.

O que se percebe também, além do mal imediato que as mudanças ocasionam ao processo ensino-aprendizagem dos alunos é que suas famílias, por estarem sempre "de passagem", acabam perdendo sua própria identidade durante as migrações e acabam sendo levadas, pela cultura dominante, a substituir suas

próprias raízes culturais pelas idéias passadas e impostas pela mídia. E, como se isso não bastasse, essas famílias, devido ao fato de estarem sempre em lugares diferentes acabam não tendo tempo suficiente para conhecer a história do bairro onde moram, tampouco se dão conta da importância disso para si enquanto membro de um coletivo, aqui no caso, a comunidade. Acabam não tendo consciência de seu papel enquanto cidadão, de seu *direito* e *dever* de lutar por uma sociedade mais justa, igualitária e humana.

A partir destas considerações esta monografia tem como problematização buscar entender em que medida o conhecimento sobre o bairro no qual moram os alunos da EM Margarida Orso Dallagassa contribui para a valorização do lugar onde residem e para a conscientização sobre o papel de cada um no sentido de melhorar a situação do bairro e, conseqüentemente, sua própria condição enquanto cidadão.

E, como objetivo precípua, compreender até que ponto o conhecimento histórico cultural sobre a comunidade onde vivem permite ou não um maior envolvimento dos moradores do Bairro Tatuquara, mais especificamente, dos pais dos alunos da Escola Municipal Margarida Orso Dallagassa enquanto cidadãos e atores ativos no que diz respeito a busca por uma melhor condição de vida deles próprios e da comunidade em geral.

Com a implementação deste projeto na escola pelo grupo de professores do Fazendo Escola, objetiva-se coletar informações junto à moradores antigos do bairro, aos próprios alunos e seus pais, utilizando-se de entrevistas orais e informais, bem como, entrevistas escritas, no sentido de se coletar informações a respeito da história de suas famílias, bem como, a respeito da história do bairro, seu passado e presente, possibilitando assim, além da relação entre teoria e prática, o envolvimento da comunidade no projeto, que com certeza, dará maior riqueza à esta monografia.

Além disso, as entrevistas propiciarão a descoberta de documentos escritos e/ou fotografados que possam contribuir de maneira significativa ao desenvolvimento do trabalho.

2. REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1. História: Vivendo e participando

Sabe-se que a história, assim como tantas outras formas de conhecimento da realidade, está sempre se construindo, visto que o próprio objeto da história são os fatos que marcam de diferentes modos os indivíduos que os vivem. A história portanto, não se resume à fatos pontuais, marcados por grandes acontecimentos, àquela que nos foi ensinada nos bancos escolares, a " história de reis, heróis e batalhas, redutoras do homem à categoria de objeto ínfimo no universo de monstros grandiosos que decidem o caminho da humanidade e o papel de cada um de nós." (PINSKY, 1992, p. 18) Ela se constrói a cada dia por cada um de nós. Ela acontece o tempo todo, é resultado de nossas ações, construída no presente a partir do passado, pensando no futuro, portanto, as experiências anteriores servem de base para que novas experiências sejam incorporadas e sofram mutações com o passar do tempo, mutações estas que fazem a diferença entre *passado*, *presente* e *futuro*. Ela depende de inúmeros fatores: a cultura do depoente (oral ou escrita); o seu tipo de envolvimento; os pontos de vista preexistentes; e as repercussões na sua existência; fazendo, portanto, com que as memórias conservadas ou construídas sobre uma determinada situação possam conter lembranças de situações vividas a diferentes níveis pela testemunha (história colhida como memória ensinada, fruto da educação escolar; história recebida por vias orais (as tradições); e história como vivência pessoal, que servirá de base para o desenvolvimento deste trabalho, haja visto que o que nos interessa aqui é levantar um pouco da história dos moradores do Bairro Tatuquara e relacioná-la à situação atual do bairro.

Então, para compreender a história e como hoje ela se apresenta é preciso refletirmos sobre o processo histórico, situá-lo concretamente no tempo e no espaço pois, segundo GUIRALDELLI

cada homem, em cada época, imprime sentido e significado aos produtos culturais de sua geração e das gerações passadas, imprime um sentido ao que ele próprio produziu e ao que outros produziram, e tal sentido se dirige segundo sua concepção de mundo. O *fato histórico* pode deixar de ser uma construção interpretativa falseadora se o historiador tiver acesso aos tipos de concepção de mundo. (1994, p. 52)

A partir desta constatação percebe-se a necessidade de que o historiador não se limite apenas a coletar informações mas que, depois de fazê-lo, relacione-as ao contexto histórico da época na qual os fatos relatados via oral ou escrita aconteceram para que assim possam de fato ser entendidos e explicados pelo historiador.

2.2. Memória

A história não se constrói apenas a partir de acontecimentos, de fatos e de nossa ação cotidiana, ela se faz também a partir da memória, que, segundo LUPORINI (2001, p. 235)

é a vida, emerge de um grupo a ela unido; é múltipla, coletiva, plural e individualizada; é afetiva e mágica e se enraiza no concreto (nos espaços, nos gestos, nas imagens, nos objetos). A materialização da memória está representada nos museus, arquivos, bibliotecas, centros de documentação e bancos de dados.

Sem a memória os fatos já ocorridos deixariam de existir, se perderiam no passado sem que ninguém deles tivesse lembrança. É ela, a memória, quem nos remete ao já acontecido fazendo com que busquemos em experiências já vividas, respostas à novas situações.

... a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo 'atual' das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, 'desloca' estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1987, p. 9)

Além disso, a memória é construída individual e coletivamente, cada um tem de que lembrar-se, visto ter cada indivíduo sua história individual e, quanto a memória coletiva, a memória do povo, esta, transcende às vontades objetivas, são reflexos de manifestações abstratas, mentais e subjetivas. E dessa forma, a memória é o que possibilita o resgate do passado e a partir dele, a produção de novos comportamentos, manifestações culturais, enfim, a construção de uma nova realidade. De acordo com BOSI

na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, 'tal como foi', e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (1987, p. 17)

A memória também está relacionada a identidade coletiva e a identidade de cada indivíduo de uma determinada sociedade.

As ações de preservação de identidades étnicas, institucionais, políticas, urbanas, locais, entre outras, são projetos de preservação de memória, pois valorizam narrativas, resgatam documentos e objetos, criam símbolos comemorativos, numa dimensão intrínseca, que se basta a si mesma; que pertence a determinado grupo social/institucional; que não se preocupa em promover movimentos de análise, reflexão e articulação com contextos e estruturas históricas, sócio-econômicas e/ou políticas. É a ação mágica e afetiva da memória que une um grupo identificado culturalmente. (LUPORINI, p. 235, p. 2001)

A partir do momento em que cada um sentir-se parte de determinada comunidade, sentir-se capaz de tomar decisões em prol de si mesmos e dos demais, será facilitada a busca por uma melhor condição de vida para todos.

Segundo BENJAMIM (1986, p.45), a sociedade capitalista moderna cultiva o que é breve banalizando e marginalizando os seus valores à medida que os indivíduos não se enxergam como agentes nos processos sociais. A recusa, a desvalorização da memória de um grupo, pode ser entendida como uma forma ideológica de dominação, ou seja, os indivíduos não exercem a cidadania à medida que são levados a acreditar que não fazem parte da história, que não fazem história, que estão, portanto, à sua margem, que são meros figurantes da história que é feita por "reis, heróis e batalhas, redutoras do homem à categoria de objeto ínfimo no universo de monstros grandiosos que decidem o caminho da humanidade e o papel de cada um de nós". (PINSKY, 1992, p. 18)

Esta idéia pode ser reforçada com a afirmação de Chauí

A memória não é oprimida apenas porque lhe foram roubados suportes materiais, nem só porque o velho foi reduzido à monotonia da repetição, mas também porque uma outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial

celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos. (In BOSI, 1987, XIX)

Aí está a importância de nós, enquanto educadores, conscientizarmos nossos alunos sobre a importância de conhecerem a história do lugar onde vivem e de, a partir daí, mostrar-lhes que há possibilidade de mudança mas que ela só acontece a partir do momento em que haja, por parte deles e dos demais, união em busca da luta por objetivos comuns. Segundo BOFF

a sociedade não se constrói apenas por estruturas econômicas e políticas e pelo dinamismo ligado às classes em conflito. Nela há espaços, tempos e relações que passam pela subjetividade pessoal e coletiva e que deixam sua marca na configuração social. (1998, p. 102)

2.3 . História Oral

A história oral é uma forma de recuperar e trabalhar a memória coletiva, que ganha a importância a partir dos anos 50 nos Estados Unidos. Nos anos 60 ela é muito usada. Já a partir dos anos 70 a história oral passa ser um instrumento usado para dar voz a grupos sociais excluídos, passa a contribuir para a construção de uma identidade coletiva dos grupos dominados.

Logicamente que as barreiras impostas para a aceitação nas universidades existem, já que a história sempre priorizou a documentação material, as fontes, etc. (FERREIRA, 1994, p.6) No entanto, a história oral sugere: uma revalorização do homem como sujeito na história e uma renovação metodológica a partir da memória coletiva visando a retomada das representações e do imaginário. Não a representação que o pesquisador faz do grupo objeto de estudo, mas a visão do próprio grupo sobre si.

A história oral, é uma possibilidade de dar voz às pessoas, partícipes da história real, concreta, uma possibilidade portanto, de fazer com que sejam ouvidas. Uma forma de acabar com o mito de que quem faz a história são grandes heróis e grandes reis e que todos os outros dela estão à margem. Conforme afirma CHAUÍ ao escrever a apresentação do livro de Ecléa Bosi "a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial, celebrativa". (1987, p. XVIII)

Através do relato oral, é possível recolher informações dos entrevistados, relatos sobre a sua experiência num dado momento histórico, de forma a trabalhar com a valorização dos sujeitos ouvidos e obter várias experiências sobre um mesmo acontecimento ou época, uma vez que à cada depoimento certamente identificaremos em cada uma das falas, elementos que transcendem a objetividade e que atuam nas representações mentais e abstratas que cada depoente faz de si, do grupo e dos acontecimentos. Sobre este caráter individual da memória, afirma Chauí novamente, ao comentar o livro de Ecléa Bosi

você nos mostra que o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalha-lhas, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique. (BOSI, 1987, p. XXX)

Portanto, para cada indivíduo, um mesmo fato histórico pode apresentar-se de diferentes maneiras, adquirir diferentes significados, uma vez que cada um traz consigo uma diferente "bagagem" de experiência, uma diferente história de vida que, sem dúvida alguma, interfere na percepção que cada indivíduo tem sobre as coisas, inclusive sobre os mesmos fatos históricos.

Ao dar voz aos sempre marginalizados da história ensinada nos bancos escolares tem-se a oportunidade de fazer não só com que eles sejam ouvidos como, também e sobretudo, com que deixem eles mesmos de se enxergarem como apenas um no meio da multidão e passem se sentir mais um no meio da multidão, mais um que faz parte desta multidão e que pode juntar-se à ela no intuito de lutar por objetivos comuns à todos que dela também fazem parte.

Segundo THOMPSON

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Traz a história dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar a dignidade e autoconfiança. Propicia contato – e, pois a compreensão entre as classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que compartilhem das mesmas intenções ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece meios para uma transformação radical do sentido social da história. (1972, p. 44)

E, é nesta transformação radical do sentido social da história, acima descrito que reside a importância de trabalhar com o método da oralidade na escola, uma vez que, além de poder buscar dados significativos a respeito da comunidade escolar, o método permite que os professores e alunos possam descobrir que são atores nos processos sociais e ainda que podem, não somente reproduzir “ um saber” , mas efetivamente produzi-lo, partindo de experiências do cotidiano e também possibilitando o interesse pela pesquisa e pela participação social. Segundo LE GOFF, "a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens." (In RANZI, s/d, p. 63)

Aqui, quando falamos em história, não estamos nos referindo àquela história alienadora que transforma homens em heróis e "salvadores da pátria", a mesma que privilegia tão somente a manutenção dos valores tradicionais da nacionalidade. Aqui, nos referimos a história feita por cada um de nós que, embora não tenha realizado grandes feitos, esta aí, lutando e construindo história diariamente. E, é nesse construir diariamente, que nós, homens "comuns" temos em nossas mãos a possibilidade de transformar ou não a realidade.

Segundo Freire

O mundo não é. O mundo está. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, da cultura, da política, *constato* não para me *adaptar* mas para *mudar*. (1997, p. 85)

O olhar para a história, portanto, não pode ser um olhar contemplativo, mas um olhar ativo, um olhar de quem não só assiste calado ao que acontece mas de quem participa do acontecido, de quem se envolve com os acontecimentos de forma ativa.

3. PROPOSTA

A idéia é partir da história do bairro onde residem os alunos numa perspectiva de *passado e presente*, para que se possa, além de resgatar a história do bairro, fazer com os alunos passem a entender-se como parte integrante da história do hoje e do amanhã, fazendo-os compreender que a história se dá a partir de suas ações concretas, cotidianas e coletivas e que tais ações podem ou não, levar à transformação da situação atual.

É importante ressaltar que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) evidenciam, nos objetivos gerais propostos para a disciplina de história no Ensino Fundamental, entre outras, a necessidade de fazer com que os alunos sejam capazes de:

identificar o próprio grupo de convívio e as relações que estabelecem com outros tempos e espaços; de reconhecer mudanças e permanências nas vivências humanas, presentes na sua realidade e em outras comunidades, próximas ou distantes no tempo e no espaço; de que sejam capazes de questionar sua própria realidade, identificando alguns de seus problemas e refletindo sobre algumas de suas possíveis soluções, reconhecendo formas de atuação política institucionais e organizações coletivas da sociedade civil. (PCN, 2001, vol. 5, p. 41)

E é aqui que fundamentalmente se pauta a proposta de trabalhar a história do bairro, pois acredita-se que os alunos podem, a partir da história do bairro, serem levados a perceber os problemas encontrados na realidade da qual fazem parte e a se perceberem como um ser social, capazes de transformar o que está posto, mostrando-lhes que suas ações individuais, desde que somadas às demais ações podem transformar o espaço onde moram, trabalham, circulam e estudam.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais também deixam claro a necessidade de que os conteúdos trabalhados na área de história:

partam das problemáticas locais em que estão inseridas as crianças e as escolas, não perdendo de vista que as questões que dimensionam essas realidades estão envolvidas em problemáticas regionais, nacionais e mundiais. As informações históricas relevantes a serem selecionadas expressam, assim, a intencionalidade de fornecer aos alunos a formação de um repertório intelectual e cultural, para que possam estabelecer identidades e diferenças com outros indivíduos e com grupos sociais presentes na realidade vivida - no âmbito familiar, no convívio da escola, nas atividades de lazer, nas relações econômicas, políticas, artísticas, religiosas, sociais e culturais. E, simultaneamente, permitir a introdução dos alunos na compreensão das diversas formas de relações sociais e a perspectiva de que as histórias individuais se

integram e fazem parte do que se denomina História nacional e de outros lugares. (PCN, 2001, vol. 5, p. 43)

Ao afirmar a importância de trabalhar com os alunos as problemáticas locais, os Parâmetros Curriculares Nacionais deixam clara a necessidade de que a história parta de problemas reais vivenciados por determinados grupos. Trata-se agora de pensar a história numa perspectiva centrada nos sujeitos, considerando-os como partícipes dos acontecimentos históricos. É importante ressaltar também, a necessidade de levar os alunos a relacionar os fatos por eles vivenciados com o que acontece fora dali, fazendo-os contextualizar os acontecimentos imediatos num universo que transcende o imediato.

Ao trabalhar a história do bairro, particularmente a do Bairro Tatuquara, onde foi desenvolvido o projeto "Comunidade Escolar: Resgate Histórico e Valorização Cultural", foram considerados os aspectos identidade, sujeito, grupo e sociedade, para pensar a partir deles, as atividades a serem realizadas.

4. IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA

O trabalho desenvolvido com os alunos da Escola Margarida Orso Dallagassa partiu da história de suas famílias. Nosso intuito, foi o de resgatar a história das famílias dos alunos envolvidos no projeto e, a partir daí, dar início à história do bairro.

Conversamos com os alunos a respeito da importância da família na vida de cada um de nós e também pedimos que cada um construísse a árvore genealógica de sua família (Anexo 1). Além disso, foi solicitado aos alunos da 2ª etapa do ciclo II que produzissem um texto a partir do tema família (Anexo 2) e, no decorrer do trabalho, que escrevessem uma poesia a partir dos temas: drogas e paz, uma vez que ambos estão relacionados, respectivamente, a um dos problemas vivenciados pelos moradores do bairro e ao sonho de tantos outros, que é, sem dúvida alguma, a paz.

Em seguida, através de pesquisa escrita, formulada pela professora e direcionada aos pais de nossos alunos (Anexo 3), demos início à pesquisa de campo que contribuiu, e muito, para o desenvolvimento do trabalho, uma vez que forneceu alguns dados importantes acerca da origem das famílias, do motivo que as

levaram a sair do lugar onde moravam, renda mensal, problemas que as afligem, etc. É interessante ressaltar que a alta rotatividade de pessoas, característica do bairro, pôde ser comprovada pela pesquisa realizada, assim como pôde ser comprovado também que o maior problema enfrentado pelos moradores hoje, segundo eles, é a falta de emprego, o mesmo motivo que levou muitos a sair do lugar onde moravam em busca de melhores condições de vida.

Depois de coletar as informações a respeito da história das famílias, de tabular os dados coletados e de construir os gráficos com os alunos, os professores promoveram uma discussão com os alunos a partir dos dados obtidos.¹

Além de trabalhar o tema família, a 1ª etapa do ciclo I trabalhou o reconhecimento do espaço da escola. Os alunos passearam pela escola, conheceram seus funcionários e suas respectivas funções. Em seguida, utilizando sucatas, construíram uma maquete da sala de aula e, mais tarde, uma maquete da escola.

Na seqüência, partiu-se para a história do bairro.

O primeiro passo dado nesta 2ª etapa foi conversar com os alunos sobre o que sabiam sobre o bairro. Depois disso, fez-se um passeio pela área de ocupação do bairro, para que os alunos observassem: o nome das ruas em torno da escola (Anexo 4 - Fotografia 1), o trilho do trem que passa pelo bairro e que representa um perigo constante às crianças que moram lá (Fotografia 2), a mina d'água² que fica ao lado do trilho do trem (Fotografia 3), o lixão e as casas (Fotografia 4).

Os alunos, junto com suas professoras, caminharam pela área de ocupação do bairro, tendo o passeio como o objetivo maior, fazer com que os alunos, os que fazem parte daquela realidade e, também os que a ela não pertencem diretamente, passassem a olha-la com outros olhos, não os de quem já se acostumou com tudo aquilo e passou a enxergar naquela realidade algo normal, natural, mas com olhos de quem ainda, embora conviva com aquilo cotidianamente, queira mudar, mudar para melhor. Além de levar os alunos a perceberem as condições reais do lugar onde residem, o passeio proporcionou uma discussão acerca das condições do

¹ As discussões a partir dos dados obtidos na pesquisa foram feitas com todas as turmas envolvidas no Projeto, no entanto, cabe ressaltar que ele foi mais aprofundada com as turmas de 2º ciclo.

² Esta mina d'água serviu, durante muito tempo, como única fonte de água limpa para os antigos moradores do bairro e hoje, infelizmente, devido ao lixo lá depositado, encontra-se imprópria para o consumo.

bairro, fazendo os alunos entender que uma outra realidade é possível, e que todos à ela tem direito e que, para que este direito seja garantido, é preciso lutar coletivamente.

Realizado o passeio, buscou-se saber dos alunos, através de conversas, de desenhos e da produção escrita, o que mais gostaram de ver ao passear pela área de ocupação do bairro (Anexo 5) e também, o que mais apreciam e o que não apreciam nele; o que está bom e o que precisa melhorar... (Anexo 6) Pode-se perceber nas falas das crianças, que, embora algumas gostem do lugar onde moram, percebem que algumas mudanças precisam ocorrer naquela área do bairro, como, por exemplo, a coleta de lixo. Alguns dos alunos que foram ao passeio afirmaram que acham o lugar feio e fedido, o que se explica devido ao fato de que durante a passagem do trem carregado de soja, muitas crianças sobem no trem, abrem os vagões e roubam soja, e, muita dessa soja cai no chão e faz com que o cheiro fique insuportável.

Também sobre a situação atual do bairro, foi solicitado aos alunos, depois de instruí-los, que desenhasssem a planta baixa do mesmo (Anexo 7) para que pudéssemos utilizá-las durante a construção da maquete do bairro, que foi feita logo em seguida. (Anexo 8 - Construção da maquete - bairro *hoje*)

Na seqüência, deu-se início às atividades que buscaram conhecer o passado do bairro (o que havia ali antigamente, de que viviam os antigos moradores, suas condições de vida...) sem o que, ficaria impossível entender sua realidade presente. Para isso, fizemos uma pesquisa documental na Casa da Memória, onde conseguimos alguns recortes de jornais antigos que trazem informações sobre o bairro Tatuquara, bem como outros documentos, dos quais pudemos obter informações interessantes para levar aos alunos.

Além dos documentos escritos, trabalhamos também documentos produzidos a partir da metodologia da história oral que enriqueceu de forma significativa nosso trabalho.

Pedimos a um antigo morador, o Sr. Nilceu Dallagassa e a sua sobrinha, filho e neta, respectivamente, da senhora já falecida Margarida Orso Dallagassa³, que

³ Margarida Orso Dallagassa, como já afirmado anteriormente, foi quem deu nome à escola como forma de reconhecimento pelo seu trabalho como alfabetizadora das crianças que moravam no bairro e não tinham acesso à escola.

fossem até a escola para conversar conosco e com as crianças sobre o passado do bairro estabelecendo, sempre que possível, relações com a situação atual do bairro para que as mudanças ocorridas ficassem mais claras para os alunos ouvintes. (Anexos 9 e 10, fotografia e entrevista transcrita, respectivamente)

Durante a conversa com o senhor Nilceu e com sua sobrinha os alunos se mostraram muito interessados. Faziam à eles várias perguntas:

- De onde vocês pegavam água antigamente?
- Já tinha a linha do trem?
- Como eram as casas?
- Quando passou por aqui o primeiro trem?

...

É interessante ressaltar que a entrevista foi de grande relevância ao desenvolvimento do projeto pois além de fazer com que as crianças percebessem que pessoas comuns como nós também fazem parte da história, fez com que os alunos passassem a conhecer um pouco da história do bairro onde moram. O senhor Nilceu contou à eles, por exemplo, que onde fica a escola hoje era, antigamente, a chácara de sua família, onde plantavam, entre outras coisas, tomates e agrião.

Realizada a entrevista, os alunos foram instigados pela professora a levantar questões que lhes chamaram a atenção durante a fala dos convidados e, depois de algumas reflexões no grupo, redigiram um texto a respeito dos aspectos que mais lhes chamaram atenção durante a entrevista.

Depois disto, pôde-se fazer uma espécie de "balanço" com os alunos sobre as diferenças existentes entre o *ontem* e o *hoje* do bairro (aspectos positivos e negativos encontrados na história passada e presente; o que ainda permanece) para em seguida, partindo da realidade atual fosse possível pensar no bairro partindo de uma perspectiva de *futuro*.

Procurou-se saber também de parte da comunidade, através de entrevistas realizadas pelos alunos, o que eles, moradores, pensam sobre o lugar onde vivem, o que está bom e o que precisa melhorar. E, se alguma coisa precisa mudar, o que ela, comunidade, podem fazer para que haja esta mudança.

Nós, professoras envolvidas no projeto, convidamos a comparecer à escola o Presidente da Associação de Bairro para esclarecer e discutir com os alunos sobre a

função desta Associação, em que ela pode ser útil enquanto representante dos moradores.

E, depois disto tudo, pôde-se propor aos alunos a construção de maquetes do bairro. Maquetes de como era o bairro, segundo depoimento do (s) morador (es) antigo(s) do bairro e de como gostariam que fosse o bairro no futuro (o bairro "amanhã"). Cabe ressaltar que a maquete do bairro "hoje" já havia sido construída em outro momento, logo após o passeio pela área de ocupação.

Sobre a necessidade de conscientizar os alunos a respeito da importância da união que deve existir entre os moradores do bairro para que possam, juntos, lutar por objetivos comuns que favoreçam à grande maioria dos moradores, passamos e depois discutimos com os alunos o filme "A Revolução das galinhas" que deixa claro a importância do coletivo.

A professora Rosana, uma das integrantes do grupo que desenvolveu conosco o "Projeto Fazendo Escola", criou e ensaiou com seus alunos de 1ª etapa do ciclo II uma pequena e simples peça teatral que conta um pouco da história do Bairro Tatuquara. A peça foi apresentada para os outros alunos da escola, para os professores e funcionários.

Outra atividade bastante interessante que pretendemos realizar durante o desenvolvimento do projeto e que só não foi realizada ainda devido à falta de tempo, é a formação, na escola, de agentes mirins. O objetivo da formação destes agentes é o de aproximar a escola da comunidade e de fazer com que os alunos se sintam úteis à comunidade de alguma forma, o que, com certeza, servira também para elevar a auto-estima das crianças.

Estes agentes seriam crianças de I e II etapas do ciclo II, envolvidas no projeto, que disporiam de tempo para levar à comunidade informações úteis que pudessem, de alguma forma, facilitar o dia-a-dia das pessoas da comunidade. Ex: informar as pessoas sobre como evitar a dengue...

E, para finalizar, apresentamos tanto em 2001 quanto em 2002, todos os trabalhos desenvolvidos no projeto na Feira de Ciências que têm acontecido na Escola Margarida Orso Dallagassa no final de cada ano letivo.

O Projeto "Comunidade Escolar: Resgate Histórico e Valorização Cultural", com já mencionado, foi desenvolvido na Escola Municipal Margarida Orso Dallagassa no ano de 2001 por mim e por outras três professoras (Maria de Cássia

Lima Ribeiro, Maria Isabel Sarot e Suzana Paroga Pimentel Chyla) e em 2002 teve outras três professoras envolvidas Rosana Bassanesi, Lucia Khiyoko Kazama e Sandra Neres Araújo que não participaram no ano anterior. A professora Maria de Cássia Lima Ribeiro e eu, Cheila Cristina Zaluca continuamos envolvidas no projeto.

5. A CRIAÇÃO DE UM MINI-MUSEU NA ESCOLA: UMA SUGESTÃO

Além das atividades aqui apresentadas é possível ainda realizar outras como, por exemplo, a criação, na própria escola, de um mini-museu, que possa se constituir em fonte de pesquisa e de preservação da memória local, tendo em vista que "uma das principais tarefas do Museu é transmitir à sociedade atual a reconstituição de sua origem, desenvolvimento e importância de sua participação na produção dos bens culturais contemporâneos." (BAUMEL, s/d, p. 1)

A sugestão é que o mini-museu seja construído pelos professores e alunos e que seja fruto de um trabalho anterior que envolva de fato os alunos com a questão da importância da memória individual e coletiva, com a questão da história propriamente dita.

O primeiro passo para que o mini-museu possa ser "montado" é haver espaço físico disponível na escola. Havendo espaço físico, pode-se dar início ao trabalho, fazendo um passeio com os alunos à outros museus para que conheçam e percebam a importância de sua existência. Neste momento, o professor pode alertar os alunos sobre a importância de valorizarem e preservarem os objetos do museu, fazendo com que entendam que os museus existem, assim como as fotografias, para preservar a memória, mantê-la viva.

Ao montar o mini-museu na escola é importante que se tenha clareza sobre o tipo de acervo que fará parte do museu. O acervo compreende: documentação (acervo documental), fotografias (acervo fotográfico), objetos, histórico, histórico natural e histórico da arte.

Depois de definir que tipo de acervo constituirá o mini-museu, é necessário dar início à coleta das peças, objetos que farão parte do acervo. No caso de um mini-museu histórico que tenha o intuito de levantar informações especificamente sobre o passado do bairro, pode ser feito um levantamento de documentação sobre a formação do bairro junto à prefeitura da cidade. Na biblioteca pública é possível

encontrar jornais antigos que tragam informações a respeito do bairro, na URBS, na Casa da Memória e na Câmara pode-se também conseguir alguns documentos.

É preciso também fazer uma pesquisa de campo na comunidade do bairro, para que se possa angariar objetos e fotografias antigas com os moradores, seja através de doação ou de empréstimo.⁴ Este momento de coleta do acervo, de pesquisa, é bastante rico, uma vez que possibilita a aproximação entre escola e comunidade e divulga o trabalho da escola em toda comunidade. É interessante fazer com que todos se envolvam com a montagem do mini-museu, uma vez que toda a comunidade será convidada a visitá-lo.

É fundamental que os professores saibam que tipo de peça pode fazer parte do museu para que possam orientar seus alunos no sentido de não aceitar qualquer doação ou empréstimo ao mini-museu que não tenha algum significado histórico à outros que não sejam aos próprios doadores, o que causaria, no meu entendimento, uma espécie de barateamento do mini-museu, ocasionando a perda de sua especificidade. Sobre isso, afirma BAUMEL

O museu não deve aceitar passivamente os objetos que lhe são oferecidos, ele deve dar uma imagem completa e exata da especificidade a que ele se consagrou. Isso implica que ele aceite tão somente as peças que completem as lacunas existentes em suas coleções observando: autenticidade do objeto; valor artístico, histórico, científico, pedagógico e social; Importância dentro da coleção; estado de conservação. (s/d, p. 2)

É importante ressaltar também que, além de orientar os alunos para que não aceitem qualquer peça que possa ser oferecida, é preciso que o façam com cautela, com diplomacia, para que a pessoa que a ofereceu não se ofenda com a recusa.

O acervo do museu pode ser enquadrado em duas coleções: permanente - serve aos objetivos básicos do museu; complementar - formada por séries duplicatas, truncadas e por objetos repetidos que vão formar a coleção de estudo. (BAUMEL, s/d.,p.2)

⁴ No caso de institucionalizados a aquisição das peças que constituem o acervo pode se dar também através de permuta: troca de objeto(s) por outro(s), realizadas entre instituições congêneres e implica em transferência de propriedade; coleta: formação de acervo que compõe os museus científicos especificamente ou os museus ecléticos que possuem seções de história natural; compra; legado: doação que alguém faz após sua morte e que está determinada em testamento.

Após aquisição do acervo (fotografias, documentos, objetos...) é preciso que se organize o livro tombo⁵ do mini-museu onde ficará registrado tudo que faz parte do museu, todo o acervo. É interessante ressaltar que cada peça, seja ela objeto, fotografia, documento, deve receber um número, assim como os livros nas bibliotecas, e que este número constará no livro tombo e na própria peça que fica à mostra.

Quando da aquisição de alguma peça através de doação é interessante que a escola tenha uma espécie de formulário onde conste a descrição da peça doada. Este formulário deve ser preenchido pela escola ao receber a peça e depois assinado pelo doador, pelo representante do mini-museu e por duas testemunhas, assim como se procede em museus institucionalizados quando recebem uma doação. O formulário é uma forma de legalizar a aquisição da peça ao mini-museu para que não fique dúvida alguma sobre a doação evitando, desta forma, problemas posteriores.

No caso de peças emprestadas ao mini-museu também é importante o preenchimento do formulário, devendo nele constar alguns dos itens que constam nos formulários dos museus institucionalizados:

- ✓ Prazo para devolução;
- ✓ nome e endereço da pessoa responsável pelo empréstimo;
- ✓ descrição dos objetos emprestados;
- ✓ dados e valor exatos do empréstimo;
- ✓ descrição do estado de conservação dos objetos no momento do empréstimo;
- ✓ responsáveis em casos de danos, por negligência ou imprudência, e em casos fortuitos (acidentes, etc). (BAUMEL, s/d., p. 7)

Além do formulário, é interessante e recomendável que se envie, ao doador, ou à quem empresta alguma peça, uma carta de agradecimento como forma de retribuir o generoso ato.

Além do Livro Tombo, dos formulários de doação e de empréstimo e da carta de agradecimento, é indispensável a ficha de registro dos objetos do mini-museu. Nela devem constar todas as informações sobre a peça, informações estas que

⁵ Em anexo 6, modelo de termo de abertura de Livro Tombo e instruções para preenchimento de Livro Tombo.

devem ser as mais exatas possíveis, devendo o responsável por sua elaboração assiná-la e datá-la no final. É interessante que se tenha duas cópias desta ficha para que, no caso de perda, ela possa ser substituída.

Na ficha de registro do mini-museu podem constar apenas alguns dos itens que constam no modelo de ficha de registro usado por museus institucionalizados, são eles:

- ✓ Nº do registro geral: o número da peça que consta no Livro Tombo.
- ✓ Objeto: Nome da peça;
- ✓ Título/assunto: para alguns tipos de acervo (livros, fotografias, pinturas, esculturas, etc.);
- ✓ Procedência: de fabricação, confecção do objeto;
- ✓ Época: dia, mês, ano, ou século, ou período que o objeto foi feito;
- ✓ Função: para que serve ou é utilizado (se souber);
- ✓ Modo de aquisição: compra, doação, empréstimo...
- ✓ Data de aquisição;
- ✓ Material/técnica: de que é feito/composto o objeto e qual técnica é usada para execução;
- ✓ Marcas: dados sobre fabricante (quando tiver etiquetas, carimbos, etc.);
- ✓ Dimensões: medir sempre na ordem alt./comp./larg.;
- ✓ Estado de conservação: descrever com detalhes o estado da peça na ocasião do registro, indicando partes faltando, intervenções, etc. (BAUMEL, s/d., p. 16-17)

A ficha de registro serve para marcar os objetos, as peças, que compõe o acervo do mini-museu, sobre elas é colocado o número de registro e o nº de Tombo que possui a peça.

Em museus institucionalizados a marcação dos objetos é feita com um certo rigor. O lugar onde a peça deve ser marcada depende do tipo do objeto e do material com o qual é feito. Para marcar, usa-se "nanquim preto (quando o objeto é de cor clara) ou branco (em objetos de cor escura), grafite e, em alguns casos, tinta à óleo. Antes de escrever o número e depois, deve-se aplicar uma camada de verniz sobre o objeto. Como conselho prático, indicamos o uso de esmalte incolor, por sua facilidade de aplicação." (BAUMEL, s/d., p. 19) No caso específico do mini-museu penso ser desnecessário e onerosa a adoção, pela escola, dos mesmos

procedimentos de marcação usados em museus institucionalizados. Acredito, portanto, que os procedimentos acima descritos podem tranqüilamente ser substituídos por outros mais baratos e mais simples.

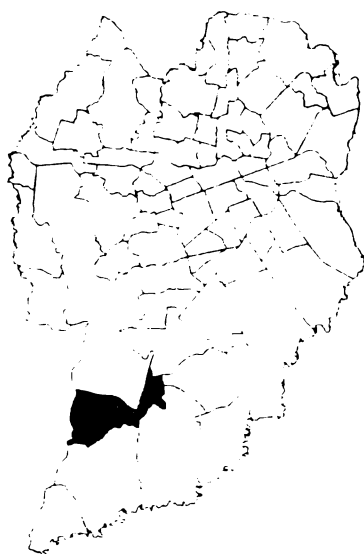
Outra coisa a ser pensada e providenciada ao montar o mini-museu na escola é o lugar onde expor o acervo. É fundamental que se tenha, mesmo no caso de um museu dentro da escola, lugares próprios para colocar as peças que constituem o acervo. Trata-se de vitrines, módulos e painéis que custam caro e que, infelizmente, dificilmente a escola poderá dispor, a não ser que consiga "via" doação.

Depois de tudo pronto, é fundamental divulgar à toda escola e a comunidade a existência do mini-museu e convidar à todos para visitá-lo, o que pode ser feito pelos próprios alunos através de convites por eles elaborado.

5. UM POUCO DA HISTÓRIA DO BAIRRO TATUQUARA

A comunidade do Tatuquara surge em 1693, quando da fundação de Curitiba, na época denominada oficialmente de Vila de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais.

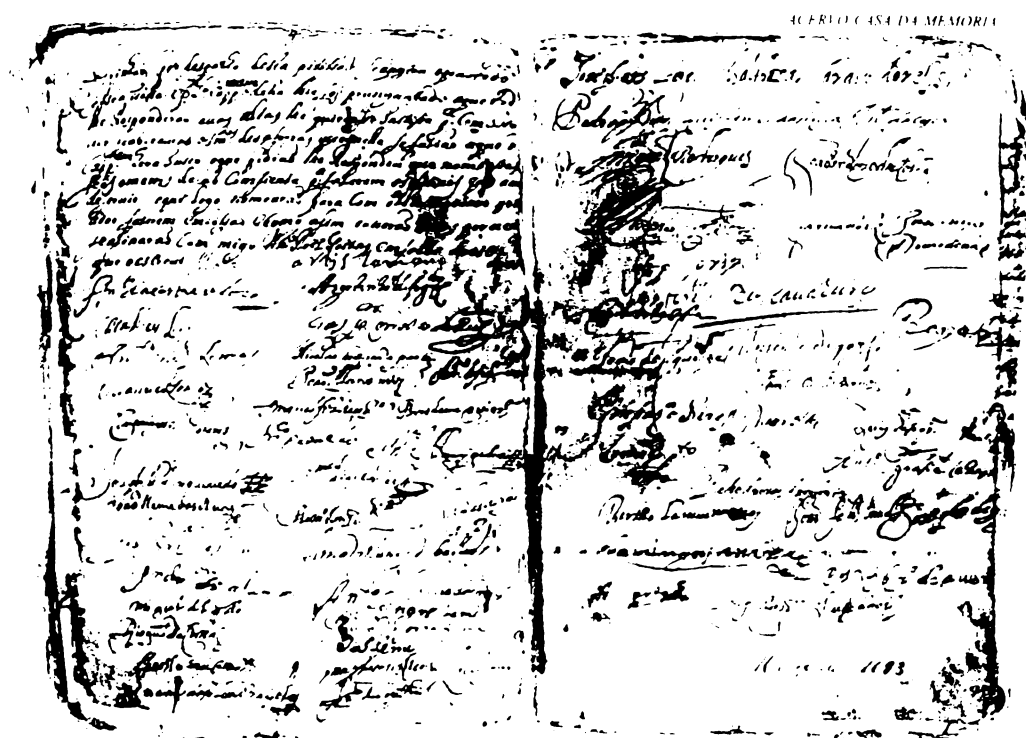
O bairro Tatuquara, assim como os bairros Campo de Santana, Umbará, Ganchinho e Caximba, crescem numa área onde predominava mata de muitas várzeas, localizada entre os rios Barigüi e Passaúna.



Regional Pinheirinho

Naquela época, a população era ainda muito pequena e a comunicação entre os moradores, bem como o acesso ao bairro, ainda muito difícil.

Em 11 de fevereiro de 1756, surge, em uma ata da Câmara Municipal, a primeira citação oficial de Curitiba, que tratava de alguns reparos a serem feitos em uma ponte sobre o "Rio Grande", reparos estes, que facilitariam o acesso de tropeiros que vinham dos Campos Gerais em direção ao litoral utilizando as primeiras trilhas e atalhos que cortavam a região que até então sobrevivia da extração da erva-mate, de pequenas criações de animais e algumas lavouras. São nomeados nesta ata, como representantes do bairro Tatuquara, os Srs Francisco Xavier Esteve e Theodozio Esteves.



Em 29 de março de 1693, como mostra a ata, era fundada oficialmente a Vila Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais, hoje Curitiba. Nessa época não há notícias de colonizadores europeus na região. No entanto, acreditava-se que ela já era habitada, ainda antes da era cristã, por povos indígenas que utilizavam o barro como matéria-prima para a atividade cerâmica. Numa área onde predominava a mata de várzea entre os rios Barigüi e Passaúna cresceriam os bairros Tatuquara, Campo de Santana, Umbará, Ganchinho e Caximba.

A comunidade do bairro Tatuquara, bem como as comunidades das localidades vizinhas crescem à passos lentos. Em 1854 a Caximba, possuía quatro sítios e alguns sobrenomes como, o do Sr. João Santana Pinto, grande proprietário de terras e inspirador do nome para o bairro Campo do Santana, já eram tradicionais na região.

Na segunda metade do século XIX começam a aparecer alguns sobrenomes de origem italiana e polonesa. Aproximadamente em 1880, é fundada, por um grupo de "italianos rebeldes" insatisfeitos com a política oficial de imigração, a Colônia Dantas, no atual bairro Água Verde. Mais tarde, este mesmo grupo, já acostumado com a lavoura, acaba encontrando, no extremo sul da cidade, hoje Umbará, uma grande área para o desenvolvimento desta atividade.

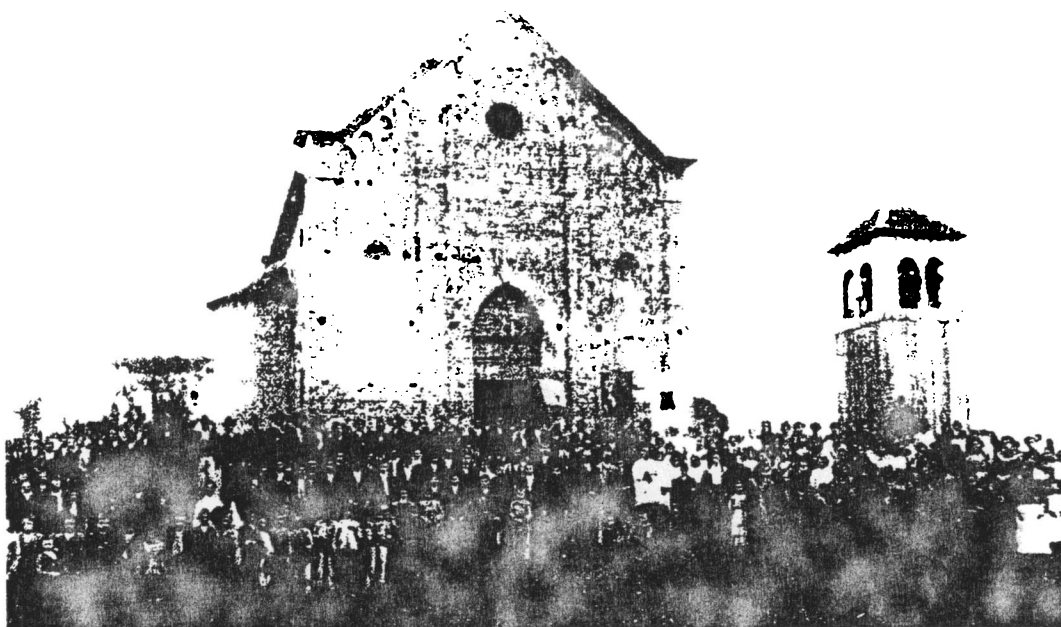


Família Chiminelos que, junto à outras famílias, avançou o desenvolvimento agrícola da região.

O dia 29 de junho de 1897 foi dia de festa para a comunidade do bairro Umbará e região, cuja vida ainda era muito monótona. Acontece, nesta data, a benção da Igreja de São Pedro do Umbará, que passou, desde então, a ser palco de namoros e casamentos. Sua construção foi autorizada pelo bispo Dom José

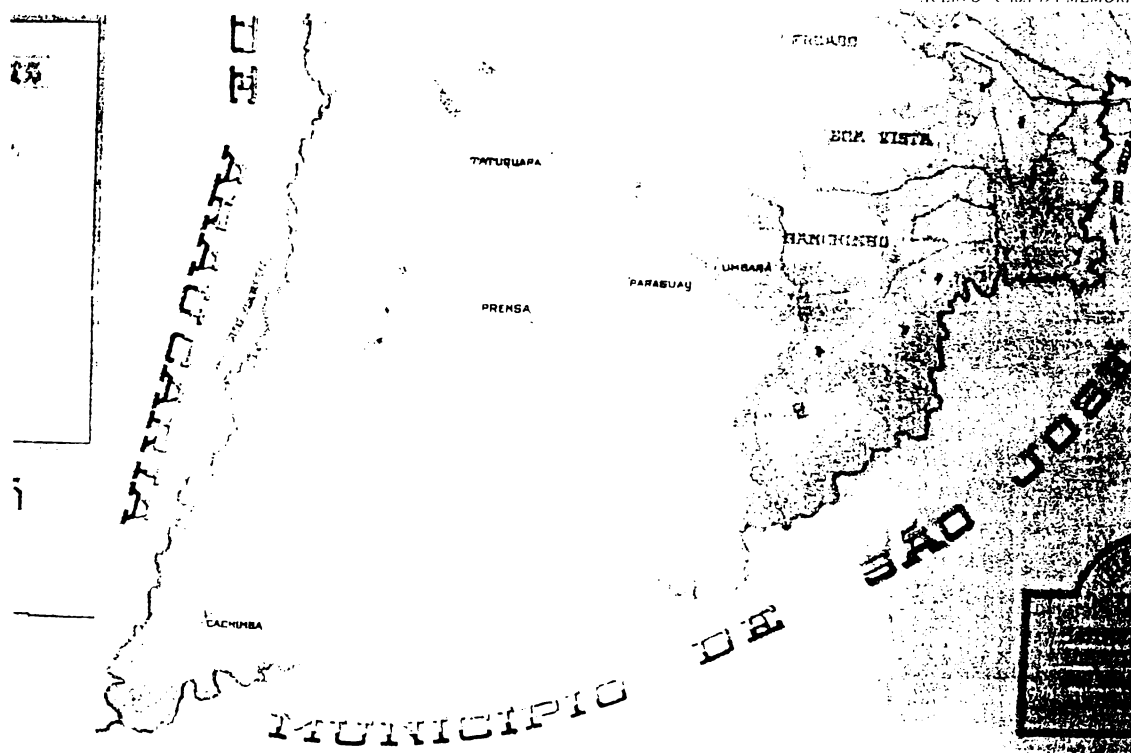
Carmogo Barros. Junto à igreja, ficava o campo santo, onde eram sepultados familiares.

ACERVO CASA DA MEMÓRIA



No mapa de Curitiba em 1915 já se pode ter uma idéia de como era a situação dos bairros Caximba, Campo de Santana, Tatuquara e Umbará. O primeiro, mais ao sul, cortado pela Estrada do Tietê (atual Estrada do Caximba ou Delegado Bruno de Almeida) e quase que totalmente tomado por matas e várzeas, sendo que o segundo tinha seu território dividido com o que na época era chamado de Prensa. Pode-se ver, também, que nos bairros Tatuquara e Umbará já é mais visível a divisão do território em lotes e fazendas, com olarias e casas.

ACERVO CASA DA MEMÓRIA



Carroças e cavalos eram o meio de transporte nesta época. As carroças eram usadas para ir ao centro da cidade para vender produtos agrícolas e lenhas e para comprar sal, açúcar e café, visto que todo o restante do que precisavam para a própria subsistência provinha das hortas das próprias famílias.



Naquela época, as atividades eram poucas. As crianças iam para as escolas da região, que eram isoladas, enquanto os adultos acordavam muito cedo, antes mesmo do sol nascer, para trabalhar na lavoura, pecuária ou nas barricarias (pequenas fábricas que produziam barricas para a armazenagem da erva-mate).

Após cansativo dia de trabalho os homens da região costumava encontrar-se nos botequins para conversar, jogar truco e beber pinga e vinho. Às mulheres, restava atividades como o bordado, limpeza e arrumação da casa, cozinhar e rezar. As crianças dormiam cedo para no dia seguinte acordar dispostas para pescar nas águas limpas do Rio Iguaçu e caçar passarinhos. As meninas ajudavam as mães nas tarefas domésticas.

Na época, os grandes acontecimentos eram as festas religiosas e juninas, muito esperadas pelos moradores. A festas juninas que aconteciam na região eram o ponto alto, pois todos esperavam ansiosos para rezar, comer churrasco, tomar sorvete, comer mimosa, rever amigos e paquerar. A festa de São Pedro durava dois dias e contava com gente vinda de todos os lados, inclusive do distante Ganchinho.

Quanto aos casamentos, costumavam acontecer na mesma época das festas juninas, entre os meses de junho e julho, porque era a época da entressafra e os noivos podiam largar a roça para fazer a "lua de mel" de onde voltavam direto para a roça. No dia do casamento o paiol virava salão de baile.

Os moradores que casavam geralmente conseguiam uma porção de terras em outros bairros próximos.



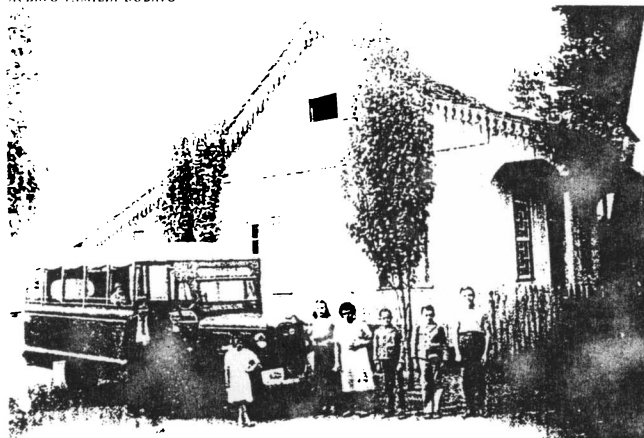
No início dos anos 30 ocorre um episódio marcante no que diz respeito a vida religiosa da comunidade do Umbará. A paróquia de São Pedro, que até meados dos anos 20 tinha sido confiada aos padres escalabrinianos e josefinos (ordens religiosas) é palco, em 1928, com a chegada do Frei Anselmo de São Mauro de Saline à localidade, de grandes desavenças entre o Frei e a comunidade, desavenças estas causadas por reclamações dos poloneses que não aceitavam que as missas fossem rezadas somente em italiano e também devido ao fato de que o povo desejava a construção de uma nova igreja enquanto que o Frei desejava a restauração da velha.

Em 12 de junho de 1931, as desavenças finalmente chegam ao fim quando Frei Anselmo é tomado pelos braços por um grupo de colonos que tirou-o da igreja, colocou-o num caminhão e o "devolveu para o convento das Mercês". Dizem que ao ser levado para o caminhão, Frei Anselmo roga uma praga: "o Umbará ficará 100 anos sem progredir".

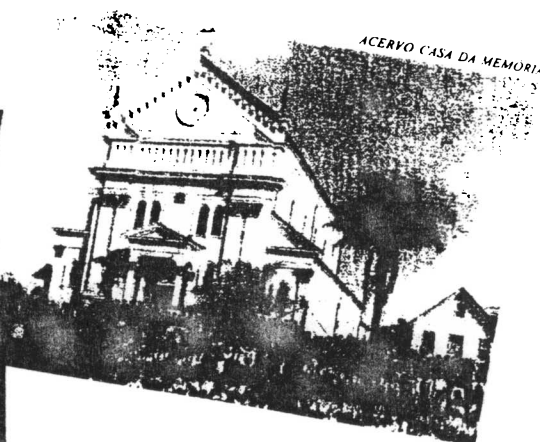
O fim da década de 30 e início da década de 40 é marcado pelo fim do ciclo da erva-mate e conseqüente desaparecimento das barricarias que passam a ser substituídas pouco a pouco pelas olarias.

Em 1939 a comunidade do Umbará ganha uma nova igreja matriz que é inaugurada pelo padre Primo Bernardi. E, como se não bastasse, além da igreja, a comunidade tem mais um ganho, a primeira linha de ônibus da região, a Linha Umbará. O ponto do ônibus era a igreja e, como as chácaras e fazendas onde moravam as pessoas ficavam muito longe dela, era preciso seguir a pé, de bicicleta ou até mesmo a cavalo até a igreja. Chegando lá, tiravam seus chinelos, lavavam os pés, calçavam sapatos e iam contentes para a cidade. Outra alternativa de transporte era o bonde que fazia o trajeto do centro até a Avenida Kennedy, no Portão.

ACERVO FAMÍLIA ROATO



ACERVO CASA DA MEMÓRIA



Em 1950 não havia ainda sistema de saneamento básico. A água usada era a do poço e os banheiros eram as casinhas instaladas fora de casa.

O primeiro posto telefônico é instalado em 1949, na casa de Francisco Gabardo.

Até meados da década de 60 a região era eminentemente rural, formada por chácara e algumas propriedades maiores.

Relatos de antigos moradores sobre esta época dão conta de cenas típicas de cidades do interior, como carroça puxando lenha ou carregando compras e produtos agropecuários, estes, vendidos no centro da cidade ou em bairros vizinhos. Nesta época havia uma baixíssima densidade demográfica: 0,4 habitantes por hectare, ou seja, menos de 500 habitantes para, mais ou menos, 1113 há.

Nesta época, a chegada da luz elétrica faz com que alguns hábitos dos moradores comecem a se modificar. As olarias deixam de funcionar com motor a óleo e passam a funcionar com motor elétrico.



As mulheres, que antes só exerciam tarefas domésticas, passam também a ajudar na lavoura.

Em 1965, o Tatuquara já é considerado um bairro (ainda que, com característica rural) ao contrário do que é encontrado no plano de urbanização de Curitiba, 1943, onde consta como distrito de Curitiba.

No mesmo ano, mais precisamente em 18 de novembro, a prefeitura aprova o primeiro loteamento do bairro.

Durante a década de 70 aumentam os loteamentos, legais ou ilegais, principalmente os próximos ao CEASA (Central de Abastecimento do Paraná), gerando conflitos entre moradores, imobiliárias e pessoas que vendiam terrenos com escrituras "frias" (falsas), ou mesmo loteamentos clandestinos. Estes conflitos duram até meados da década de 80, envolvendo o poder público, a prefeitura, políticos, Cohab, associações de moradores e imobiliária. A esta altura, a população do bairro já crescera bastante. Segundo o censo de 1980, era de 3741 habitantes (3,33 hab./há).

Para 1985 a estimativa do IPPUC era de uma população de 4775 hab. (4,29 hab./há). Vemos que o crescimento populacional é grande, porém se concentra ao redor da CEASA, como vila Tatuquara ou ao longo da BR - 116, como Vila Pompéia. Além das vilas já existentes, neste ano já haviam outros pedidos de loteamento junto à prefeitura. Após a criação da CEASA em 1971, os lotes ao seu redor tiveram uma supervalorização. Talvez isto tenha contribuído para acirrar os conflitos pela posse dos terrenos.

Por outro lado, também trouxe benefícios, como a instalação da cidade industrial (CIC), vizinha ao Tatuquara, que contribuiu para aumentar a população e valorizar os terrenos. Apesar do aumento do número de loteamentos, na maior parte do bairro ainda predominava a agropecuária, plantações de milho, feijão, batata doce, mandioca, inclusive nas áreas próximas aos atuais Ville I e Ville II.

Quanto às vilas e loteamentos, não havia infra-estrutura, como rede de esgoto, postos de saúde ou energia elétrica.

A comunidade da região, ainda com características rurais, passa, na década de 80, a viver os impactos incipientes do progresso. A geladeira faz com que sejam diminuídas as idas diárias ao armazém e as conversas na praça da igreja ou nos

bares são substituídas pelas novelas que passam a "invadir" as casas da comunidade.

No Tatuquara, são noticiadas através dos jornais, as primeiras "invasões" e as desapropriações de terras, no Umbará as notícias são sobre crimes e no Campo de Santana são sobre a instalação da primeira comunidade urbana do país.

Na década de 90 a tendência de crescimento se intensificou. As "invasões" de terras continuam no Tatuquara e muitas dessas terras já são transformadas em vilas. O censo de 1991 revela uma população de 8.169 (7,27 hab/há). Entre 91 e 99 (março) a Cohab assentou mais de 6000 famílias no bairro, em 8 empreendimentos.

A previsão para 1998 era de 25 mil habitantes (em torno de 22 hab./há). O setor público instalou infra estrutura básica em boa parte do bairro, como escolas, postos de saúde e energia elétrica, embora tal estrutura ainda não seja suficiente, dada a demanda e a falta de planejamento do local.

No Caximba a preocupação dos moradores diz respeito ao aterro sanitário, instalado no bairro. No Umbará, a Rua Nicola Pelanda, agora asfaltada, não é mais a estrada por onde passavam os tropeiros, embora a região ainda preserve grande parte de suas matas.

Umbará, Campo de Santana, Ganchinho, Caximba e o Tatuquara, embora ainda preservem algumas características da vida rural de antigamente vão, pouco a pouco, rendendo-se ao progresso, e a vida dos moradores, que antes parecia demasiadamente pacata vai, com o passar do tempo, adaptando-se aos novos acontecimentos, às novidades.

A cidade de Curitiba e região metropolitana cresceram muito, principalmente na década de 90. Ao persistir este processo, a tendência é que o Tatuquara fique, nos próximos anos, numa situação semelhante a do Bairro Boqueirão, cuja densidade demográfica aumentou assustadoramente. Era em 1970, de 1,93 hab/há; em 1980 era 19,89 hab./há; e em 1991, de 35, 53 hab/há.

Hoje, pode-se dizer que parte do bairro Tatuquara é área de ocupação. E esta, cresce assustadoramente, o que pode ser comprovado pelo fato de que neste ano (2002), a Escola Municipal Margarida Orso Dallagassa, construída para atender a comunidade, teve que contar com um ônibus, cedido pela Prefeitura Municipal de Curitiba, para levar parte dos alunos da comunidade para outra escola, longe dali, visto o espaço físico e, conseqüentemente o número de vagas da Escola Municipal

Margarida Orso Dallagassa, onde deveriam estudar, já não conseguir mais comportar a demanda, que cresce à cada dia, junto com a precariedade das condições de vida do que ali vivem (falta de saneamento básico, moradias mais dignas...).

Segundo o censo de 1991, a população do bairro Tatuquara (8168) distribuía-se por 1885 residências, com uma média de 4,33 pessoas por domicílio. Embora atualmente o número de residências tenha aumentado bastante, ainda é pequeno em relação ao bairro como um todo. Deve-se salientar, no entanto, que há muitas áreas de bosques e preservação.

Atualmente, podemos dizer que o Tatuquara é um bairro caracterizado por contrastes, devido as mudanças econômicas pelas quais está passando. É difícil afirmar que o bairro tenha como um todo características rurais pois há uma grande mistura entre propriedades rurais, chácaras de lazer e áreas urbanas, loteamentos em construção e empresas.

Podemos ver áreas de mata ou campos ao lado de loteamento, tendo, como fundo, indústrias da CIC ou a movimentada BR - 116. Some-se a isso, as linhas de transmissão da COPEL.

A população é na sua maioria, pobre, com rendimento médio até três salários; trabalham em geral, em outros bairros, embora o comércio da região tenha aumentado nos últimos anos, principalmente nas áreas de alimentação e materiais de construção.

Quanto as casas, pode-se dizer que os loteamentos (em sua maioria) são muito simples e as casas mais antigas (fora dos loteamentos ou em chácaras) são maiores e com melhores acabamento.

A Escola, cujo nome é homenagem a já falecida Senhora Margarida Orso Dallagassa, antiga moradora, que ocupava parte de seu tempo alfabetizando as crianças que viviam no bairro, atende hoje crianças da ocupação e de outra parte do bairro, caracterizada por uma condição de vida mais digna.

Grande parte dos que moram na "Terra Santa", nome dado à ocupação são catadores de papel, trabalham no CEASA, localizado perto dali ou vivem de "bico", o que é comum hoje, visto ser o desemprego uma realidade nacional. Outros, sequer tem trabalho, vivem do que ganham dos outros.

De acordo com as entrevistas realizadas com algumas pessoas da comunidade da "Terra Santa, pode-se afirmar que as histórias de vida das pessoas que vivem ali são parecidas. A grande maioria das famílias vieram de outra cidade do Paraná ou de outras cidades do país e, o motivo que as trouxeram é na maioria das vezes o mesmo: a busca por emprego.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar que o Projeto descrito neste trabalho, pôde contribuir, e muito, para desmistificar a crença dos alunos - derivada da maneira como o ensino de história, em geral, sempre foi tratado nas escolas -, de que a história acontece independentemente de nossas ações cotidianas, que dela só são partícipes os grandes heróis, historicamente tão proclamados pelos professores nas salas de aula.

Além disso, a valorização da história de vida das famílias dos alunos envolvidos no projeto e a valorização e resgate histórico do bairro onde vivem, trabalhada sempre na perspectiva de passado, presente e futuro, atingiu seus objetivos: o de fazer com que as crianças conhecessem e valorizassem o lugar onde moram, sentindo-se parte dele, percebendo suas dificuldades e, sobretudo, tendo clareza de que podem supera-las, desde que a comunidade, coletivamente, se mobilize para que sejam realizadas ações no sentido de conseguir, através dos órgãos competentes, melhorias para o bairro.

Pode-se afirmar também, que foi de grande relevância não só o desenvolvimento do projeto "Comunidade Escolar: Resgate Histórico e Valorização Cultural" nos anos de 2001 e 2002 como a oportunidade que tive de atrelar tal projeto à este trabalho de porte monográfico, que me instigou a ler mais sobre o assunto para que pudesse dar melhor e maior suporte ao trabalho desenvolvido na escola, possibilitando, sobretudo, a união entre teoria e prática de forma a enriquecer tanto o desenvolvimento do projeto, quanto esta monografia.

REFERÊNCIAS

BAUMEL, HÉLINA. Curso de Documentação Museológica. Mimeo. S/d, p.1-24.

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BOFF, Leonardo. O despertar da água: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOSSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos. São Paulo: Editora da USP, 1987.

FERREIRA, Marientea de M. (Coor). Entrevistas, abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GHIRALDELLI, Paulo (org.). Infância, escola e modernidade. São Paulo: Cortez, Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1997.

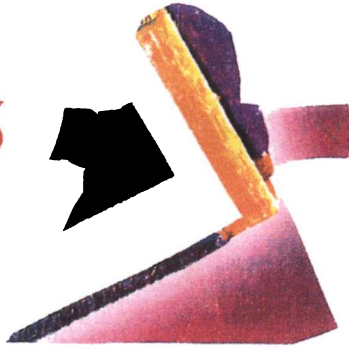
LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas. Editora da UNICAMP, 1990.

Parâmetros curriculares nacionais: história e geografia/Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. - 3 ed. - Brasília: A Secretaria, 2001.

PINSKY, JAIME. O ensino de História e a criação do fato. São Paulo: Contexto, 1992.



vô



vô

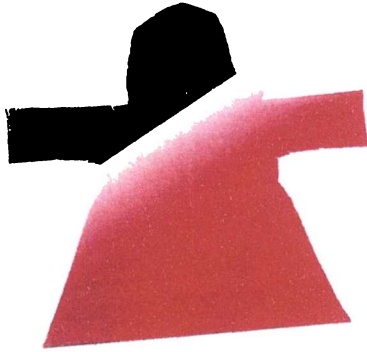


vô

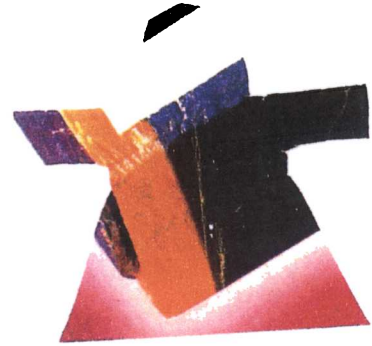


vô
mãe

Mãe



Pai
Mãe



mãe
Pai



Ei
Mãe

23.09.02.

Família

Eu nasci numa família muito pobre, mas eu não me queixo.

Desde que eu estava pequena eu sou muito feliz. Minha mãe sempre me dá amor e carinho. Meu pai também me ama muito. Todos os dias eu vou à escola e aprendo muitas coisas. Depois de estudar eu vou para casa e faço a minha lição. Eu gosto muito de estudar e de aprender coisas novas. Meu pai e minha mãe são muito bons para mim. Eles sempre me dão o melhor que podem. Eu sou muito feliz e gosto muito da minha família.

Gratias

2002

24.09.02.

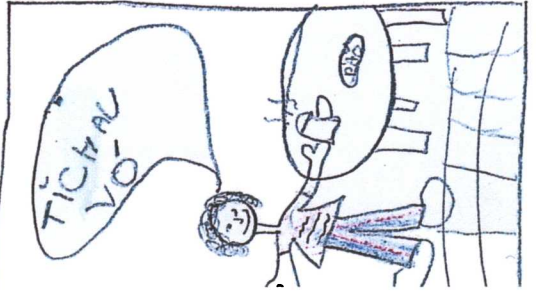
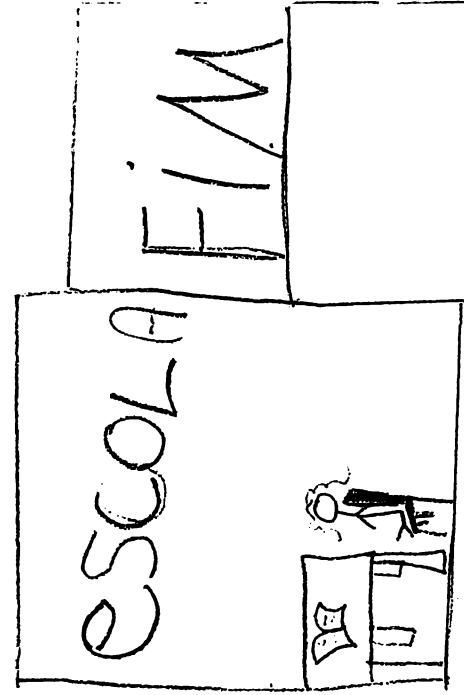
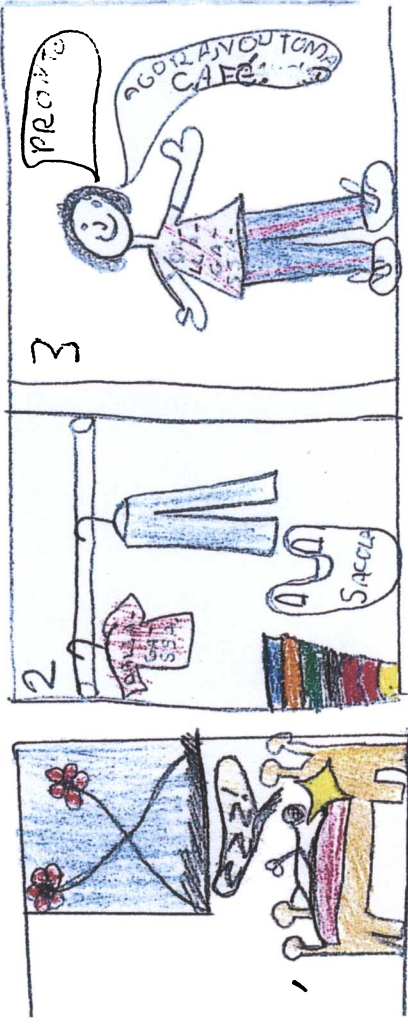
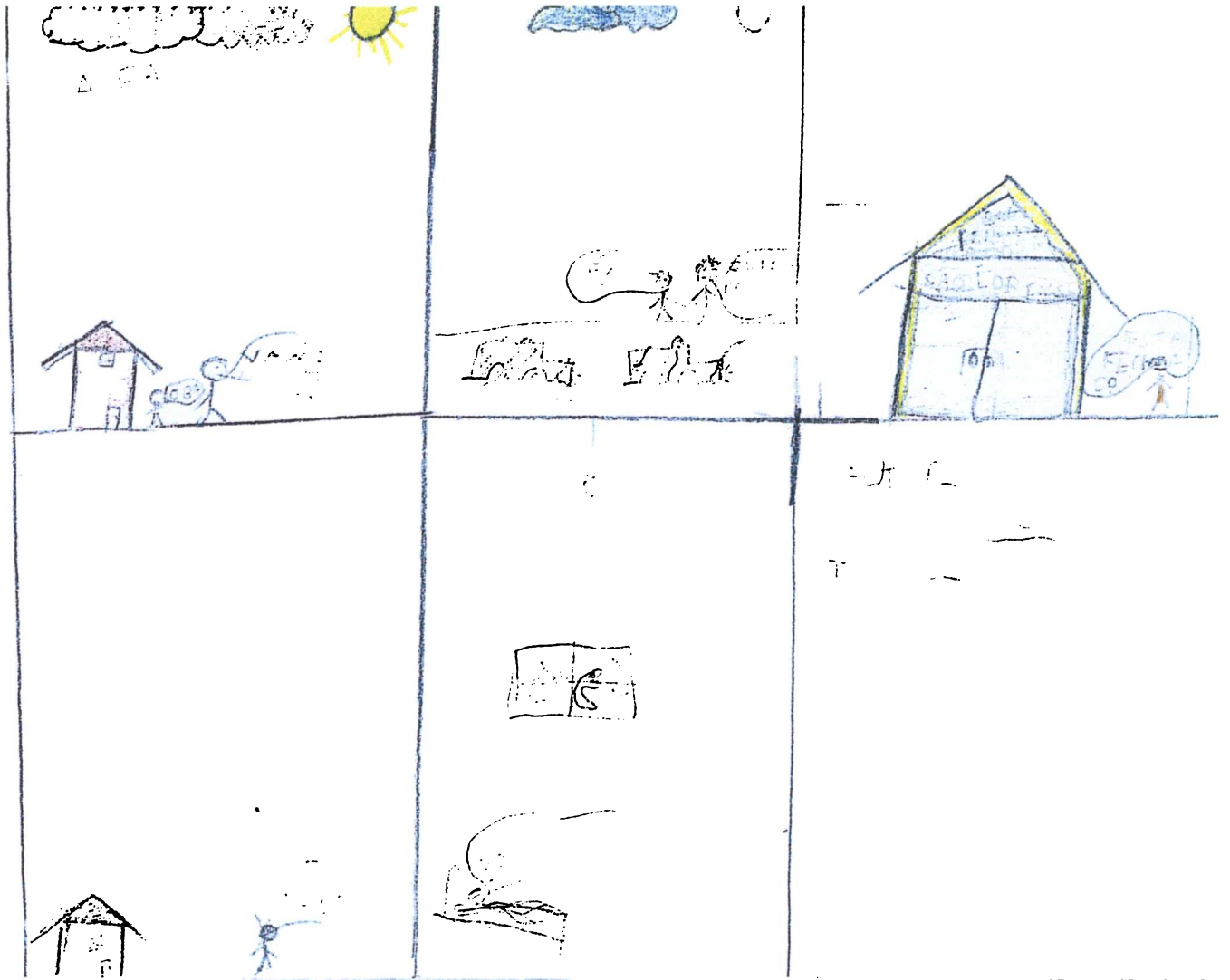
Minha Família

Eu e a minha família somos muito felizes. Eu sou a filha mais velha e tenho dois irmãos. Nós todos gostamos muito de estudar e de aprender coisas novas. Meu pai e minha mãe são muito bons para mim. Eles sempre me dão o melhor que podem. Eu sou muito feliz e gosto muito da minha família.

5/11

amília

lota: Carla C. Gomes.



SENHORES PAIS

Estamos levantando informações sobre as famílias do bairro Tatuquara para o desenvolvimento do Projeto Comunidade Escolar: Resgate Histórico e Valorização Cultural, cujo objetivo é o de trabalhar com os alunos a história do bairro Tatuquara (passado, presente e futuro) visando buscar possibilidades para sua melhoria. Contamos com sua colaboração para responder a esta pesquisa que com certeza nos ajudará na realização deste Projeto.

Nome do aluno: _____ Data: _____

1) Quantas pessoas moram na sua casa?

2) Quantos deles são adultos? Qual a idade de cada um?

3) Quantas pessoas que moram na sua casa trabalham fora?

4) Qual é a renda mensal da família? Marque com X

() Menos de 1(um) salário mínimo (R\$ 200,00)

() Mais de 1(um) salário mínimo

() Mais de dois (2) salários mínimo

() Acima de 3(três) salários mínimo

5) De onde veio sua família? Quando chegou aqui?

6) Por que saíram de onde moravam?

7) Quando chegou aqui, a sua família sentiu algum tipo de dificuldade? Assinale com X a (s) opção (opções) escolhidas.

() Nenhuma dificuldade

() Falta de emprego

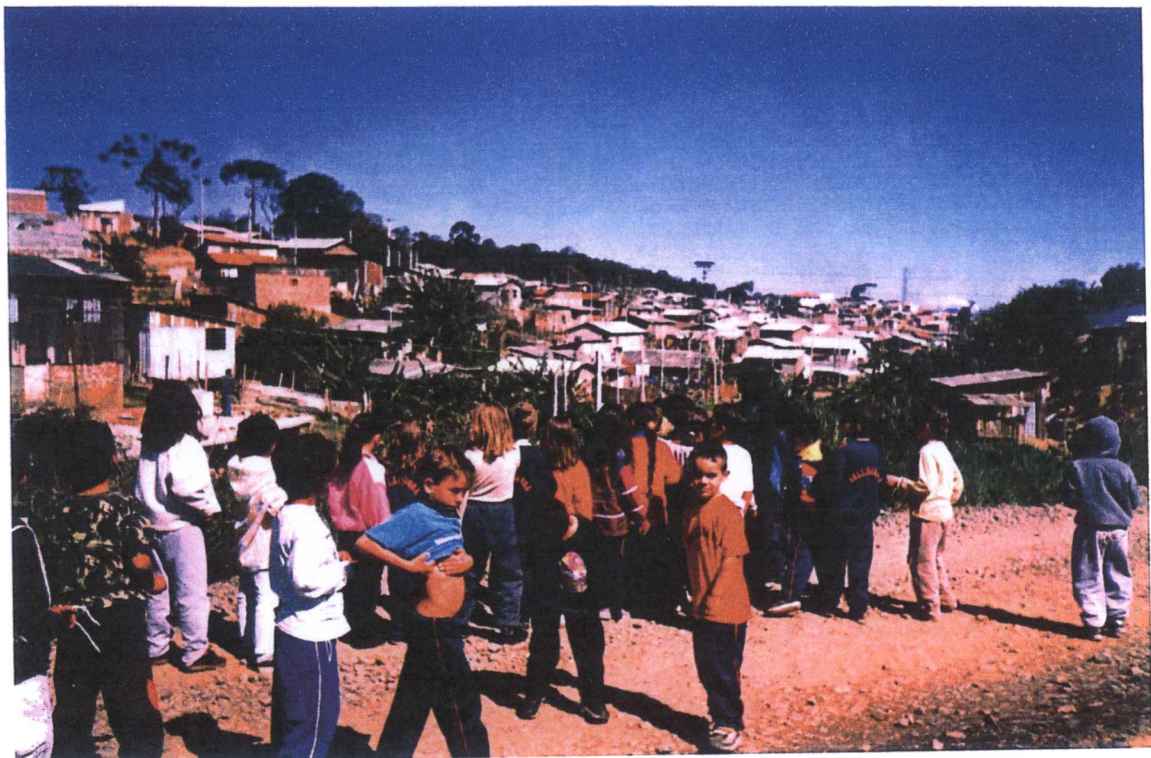
() Falta de saneamento básico

() Falta de postos de saúde

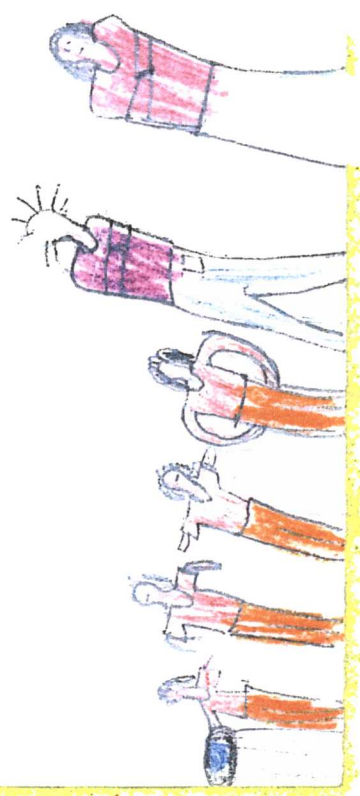
() Outra (s)? Qual (quais)?

8) Onde morava sua família havia dificuldades? Quais?





E A

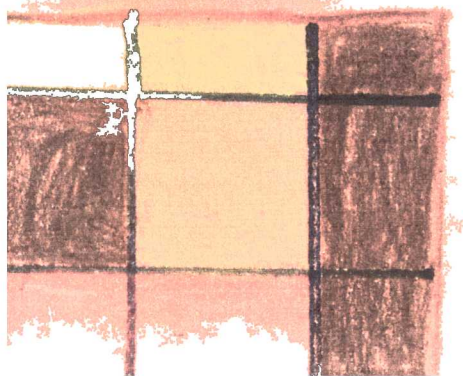


T I

CURTIDA DE NOVOSSA DE 9000 21912

NOSSO PAPEL QUE PODIA MOLETO

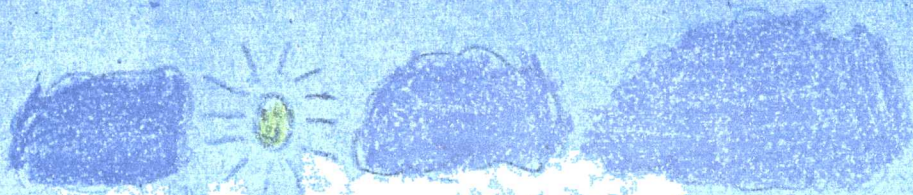
PRECA DE ONIPUS NA TEFES SANTA
E SE SPORRANCE PARA O M. 21912.

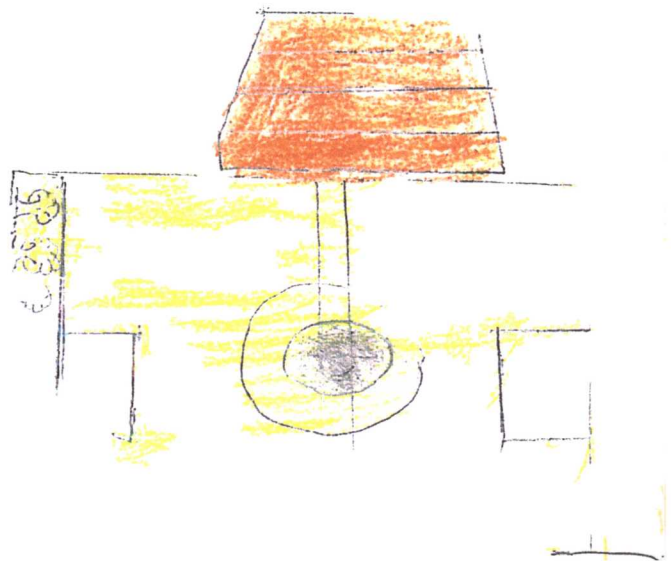
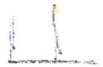
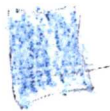
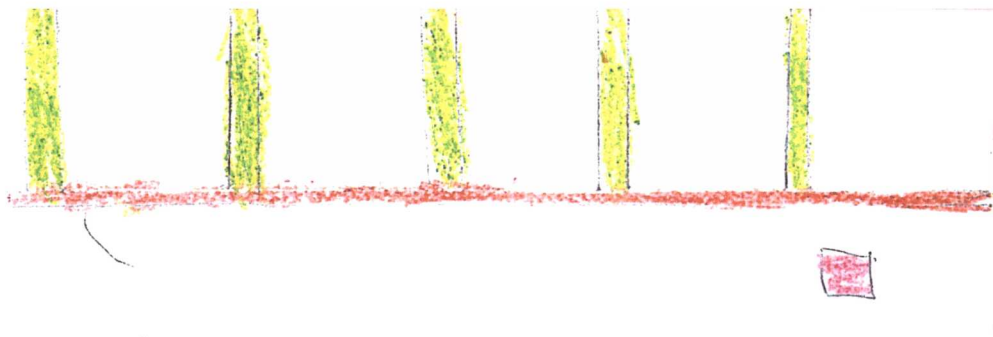


CURITIBA, 07 NOVEMBRO DE 2002

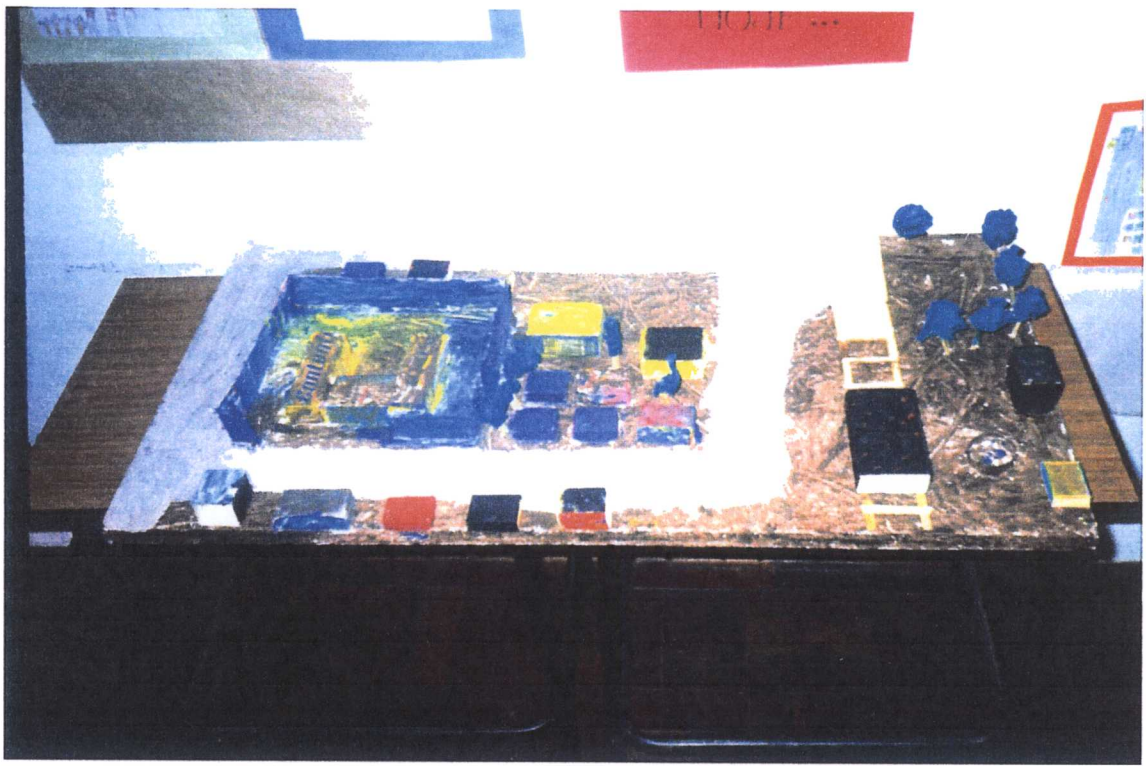
NOSSO BAIRRO QUE PEGUA
MELHORAR?

EU QUERIA QUE TIVESSE MANGUEIRAS NAS
CASAS DO BAIRRO PARA ESCONDER
A FEIA DO EGO.











- Aqui tem mina?

Sr. Nilceu:

- Sim, de água, não de ouro.

Alunos:

- Já tinha a linha do trem?

Sr. Nilceu:

- A linha do trem foi construída há 26 anos. Naquela época meu irmão era bem pequeno e usava avental branco para ir à escola. Na rua tinha muito pó e barro.

Gilséia:

- Aqui meu avô criava porcos, plantava uva para fazer vinho, tinha vaca, vendia leite para Curitiba. Ele ia de carroça para entregar. As pessoas que viviam aqui vendiam leite e verduras.

Alunos:

- As casas eram de material ou de madeira?

Sr. Nilceu:

- Eram de madeira.

Alunos:

- Por que vocês deram esse terreno?

Sr. Nilceu:

- Sempre quando alguém tem um terreno grande e quer dividi-lo em pequenas partes, a prefeitura fica com uma dessas partes para a comunidade para que ali sejam construídas escolas, praças, postos de saúde.

Ônibus aqui não existia, o ônibus era tomado só no Portão, depois no Capão Raso e depois no Pinheirinho.

A primeira linha de ônibus a passar por aqui foi o Cachimba, que passava duas vezes por dia, quando isso aconteceu, estávamos no céu. Hoje ele passa na porta.

O bairro Portão tem esse nome porque lá tinha realmente um portão para as pessoas passarem tinha que abrir um portão. Os cavaleiros paravam ali para dar água aos cavalos.

Gilséia:

-Meu avô plantava uva, fazia vinho e plantava trigo, mandioca, arroz, feijão e construía barricas para vender erva-mate. O transporte da erva-mate era feito em

barricas. O meu avô fazia ferraduras para cavalos e punha embaixo do pé do cavalo. Ele era barbeiro também.

Alunos:

- Quando passou o 1º ônibus?

Sr. Nilceu:

- Há mais ou menos 25 anos atrás.

Gilséia:

- Eu ainda era criança.

Bem, vamos evoluir a história.

Aí meu pai continuou plantado e vendendo no CEASA que não era aqui e sim no bairro do Portão, depois que o CEASA foi construído aqui. Nós, quando crianças, ajudávamos a plantar agrião, colher tomate, brócolis, cenoura, morangos e mandioca.

Fomos crescendo e estudando. Daí eu fiz magistério e em seguida fiz uma faculdade de nutrição e hoje sou nutricionista do exercito. Lá sou uma tenente.

Alunos:

- Quando vocês deram o terreno, ganharam alguma coisa?

Sr. Nilceu:

- Já existia posto de saúde aqui?

Sr. Nilceu:

- Quando foi feito este loteamento sim, antes não.

Gilséia:

- Nós trouxemos algumas fotos...

Alunos:

- Quando sua avó faleceu?

Gilséia:

- Em 1986, com 81 anos.

Alunos:

- Os postos de luz eram de madeira né?

Gilséia:

- Sim.

Alunos:

- Quando vocês doaram o terreno para construção da escola?

Gilséia:

- Faz três anos.

Alunos:

- E o telefone, quando chegou?

Gilséia:

- Quando eu tinha 7 anos.

Alunos:

- E o celular?

Gilséia:

- Celular não.

Alunos:

- E a água encanada?

Gilséia:

- Apareceu quando eu tinha 12 ou 13 anos. Quando minha mãe se casou a 34 anos atrás, também não tinha luz. A energia veio à 25 anos atrás.

Alunos:

- Tinha carro na época?

Gilséia:

- Na minha época tinha, na época do meu pai não. Carro era uma raridade.

Professora:

- Por que acabaram as chácaras e fazendas?

Sr. Nilceu:

- Houve três explosões aqui no bairro com a fábrica. A primeira deu-se em 1963, a segunda em 1970 e a última em 1980 ou 1981.

Professora:

- Por que foi loteado?

Sr. Nilceu:

- Foi aumentado a população. O lado negativo disso foi que começaram os roubos e as ocupações dos terrenos que ficaram fora de controle.

Professora:

- As pessoas naturalmente vem do interior por causa do êxodo rural e vem para cidades grandes e acontecem as ocupações.

Alunos:

- Que tamanho tinha sua chácara?

Sr. Nilceu:

- Quatro alqueires.

Gilséia:

-Vem da loja de materiais de construção até o início da Terra Santa, da lateral da Britanite até quase início da linha do trem.

Alunos:

- Vocês foram os primeiros donos?

Gilséia:

- Não. Já tinha gente aqui há 100 anos atrás.

Alunos:

- Não tinha polícia para controlar os roubos?

Gilséia:

- Eles não davam conta.

Obs: Explicação por parte da professora (doação).

A panificadora é do sobrinho do meu pai.

Alunos:

- Sua irmã Gilmara foi minha professora...

Obs: Neste momento os alunos conversam com os entrevistados e o Sr. Nilceu conta que seu pai chegou aqui em 1937 com o equivalente a 40 reais no bolso.

Gilséia explica onde ficava a casa de sua avó que hoje seria no meio da rua...

